

Título - Mobilidade e Interface : um pensar contemporâneo para a urbanidade segundo suas formas e meios de produção ambiental.

Autores

Prof. Dr. Carlos Zibel Costa e Arq. Caio Adorno Vassão (Mestrando FAUUSP)

Resumo - Introdução

Dentro do contexto urbano da atualidade lê-se a emergência de nichos de identidade - na acepção de “papéis sociais” pensada por Marshall McLuhan (KUHNS, 1971, p. 191) - em um ambiente de alcance global homogêneo construído sobre pólos urbanos (as chamadas cidades globais) (CASTELLS, 2000, p. 405). Destes nichos, destacam-se dois : o “turista produtivo” e o “nômade urbano”. Que mais do que contingentes populacionais específicos, são papéis, caracteres (SANTOS, 2000, p. 18 – CASTELLS/HALL, 1996, p. 23 – WRIGHT, 1997, p. 1) – que contam com uma série de características semelhantes e ao mesmo tempo diametrais quanto à forma que se situam frente ao espaço e à economia. Das características semelhantes, a mais notável seria a mobilidade espacial. É importante ressaltar que um aspecto fundamental deste ambiente global é sua construção sígnica (DELEUZE/GUATTARI, 1997). Sendo que hoje sua constituição midiática, e tele-midiática (LÉVY, 1998) torna necessária a elaboração de novos critérios para a produção do ambiente. Em especial quanto ao cruzamento entre espaço gráfico como objeto da comunicação visual e espaço edificado, que está implicado em uma série de inovações tecnológicas que vêm recondicionar a leitura e a proposição do ambiente urbano. A partir do comportamento destes “nichos de identidade”, propõe-se um conjunto de abordagens para a proposta dos elementos urbanos edificados, paisagísticos, gráficos, e mesmo das interfaces eletrônicas, assim como suas imagens e representações gráficas.

Desenvolvimento

Os meios de comunicação eletrônicos acabam por nos obrigar a ler o ambiente como mídia, não porque o ambiente é ou torna-se mídia intrinsecamente, ou porque entendemos o ambiente como meio de comunicação formal. A própria construção estatutária do ambiente sedentário urbano ocorre por vieses sígnicos (DELEUZE-GUATTARI 1998). Muito antes da mega-midiatização atual do espaço urbano -outdoors, propaganda, building-branding; formas oficiais de sinalização, e indexação do espaço; na concepção ambiental de McLuhan (KUHNS). Ocorre mesmo antes, em espaço móvel, plástico, nômade (notar a noção de *virtual* de LÉVY) (LÉVY, 1998.p.17-18). E mesmo agora, nas “formas acampamentos” dos Sem-terra (SIGAUD, 2000, p. 82). E ainda nos habitáculos-fênix dos sem-teto, que não param de hibridizar-se, mesmo quando apropriando-se de signos sedentários em contexto necessariamente nômade. E quando permanecem em movimento, desenvolvem impulsos de sinalização de sua identidade. (TACHNER-RABINOVICH, 1998, p.11)

Agora no entanto, a estrutura sígnica do estrato físico do ambiente está sendo questionada pela abundância e a onipresença dos meios eletrônicos. Estes constituem um estrato de interação relacional ao espaço construído, figuram mesmo como entidade independente. E trazem à visibilidade questões como desterritorialização, virtualidade, comunidades de interesse, signos compondo ambientes (LÉVY, 1999). Questões, sempre presentes, operantes como funções fundamentais do espaço urbano. (DELEUZE-GUATTARI, 1997a)

Pode-se identificar aí um vetor de descolamento espacial muito poderoso (LÉVY, 1999). Ou então a aceleração das operações (TOFFLER, 1995). O que, de qualquer forma, imbui o ambiente de caráter cada vez

mais a-local e a-territorial. Esse incremento das operações ditas virtuais fortalece a percepção de um “Outro”, como estrato social e espacial.

A localidade não perde a sua importância ou relevância. Outros critérios se estabelecem (IBLA, 1998). O local, a vizinhança, a contiguidade deixam de ser o fundamento operacional do ambiente. Sendo que um novo critério se estabelece via a redução da comunicação a “contato”. Dentro do campo de compreensão do virtual, seria a ubiquidade da *Interface*. Omnisciência no contexto do globo eletrônico.

O segundo critério deste “Outro” é o incremento da *Mobilidade*. A formação de organizações transnacionais, as transações financeiras mundiais, a constituição de um ambiente mundial condicionado de apoio, a manutenção deste dentro dos critérios que o tornam acessível aos processos capitalistas – a partir de um consenso estatal –, constituem um campo de deslocamento facilitado (ARANTES e CASTELLS nos apresentam visões dicotômicas desta problemática). Viabilizam o *modus vivendi* de um ser social típico da atualidade: uma espécie de flaneur tecnológico.

Ávido por novos produtos, e comumente produtor destes, o chamado “*turista produtivo*” professa e opera a partir de uma centralidade sócio-econômica de alcance aparentemente sem-limites. No entanto, ele habita uma mega-casa, o globo como uma grande cidade. A Aldeia Global de McLuhan, ou o mundo encolhido pelas crescentes velocidades dos transportes e da telepresença (SANTOS, 2000 pp.18-19) seriam apenas indicadores da tessitura deste macro-ambiente. Mais precisamente ele se identifica como uma espécie de grande resort ou parque de entretenimento (IBLA / DUFFY). Permanentemente de férias, e ao mesmo tempo produzindo continuamente, o turista produtivo desenvolve a maximização do seu próprio tempo e do tempo dos outros. Trafega livremente pelos pólos locais que irradiam a forma predominante de construção do ambiente, bem entendido, acessível a esse operário da telemática. (WIRED)

Por outro lado, a mesma aceleração que produz este ambiente global, também seduz, fomenta e frustra grandes contingentes populacionais, chegando a impelir uma parcela considerável destes a uma forma marginal de existência (História da Vida Privada, V. 4, pág.316). Os sem-teto, ou “*nômades urbanos*”, operam sua subsistência alheios ao mecanismo fundamental de inclusão sócio-econômica da urbanidade moderna : o endereço (História da Vida Privada, V. 4, pág.308 e TACHNER-RABINOVICH, p.49). Fora do regime de acesso, quer como ser produtivo ou consumidor, o sem-teto apela para o lido concreto com regimes móveis de signos, de acordo com o que se defronta na vagância intra-urbana (WAGNER pp.65-66). Constrói ilhas de sedentarismo em meio a mares de nomadismo. Procura por sustento em agenciamentos que são sempre temporários, quer por escolha, quer por contingência.

As distinções se alargam por ainda outro viés. O turista produtivo atualiza a sua identidade, realiza a manutenção de uma posição dentro de uma macro-estrutura social, é peça e operário da máquina (WIRED / IBLA). O nômade a vê de fora, come-a pelas bordas. Assim como não possui e não é possuído por uma identidade geográfica, o nômade não possui e também não é possuído por uma identidade social declarada. Essa não-identidade acaba, mesmo assim, sendo reconhecida dentro de uma faixa difusa de identificação (HUTH-WRIGHT, pp.1-2). Permanece entrando e saindo de estados variáveis de inclusão e exclusão, adequação e inadequação, dentro e fora, e ainda em miríades de variantes além do binário simples ilustrativo.

No entanto ocorre um processo de captura desta mobilidade incrementada. Pois, se a aceleração, a variabilidade e a mudança são fomentadas, flerta-se com alterações concretas de ambiente, mesmo que isso não seja desejado ou previsto inicialmente. Para disciplinar-se este movimento, surgem com grande eficácia dois dispositivos : a circunscrição em tipologias claras de deslocamento, quer do turista produtivo,

quer do nômade urbano - regimes de permissão, passes de mobilidade, áreas de atuação (HUTH/WRIGHT, p.7 – WAGNER, p.66).

No campo de deslocamento do turista, promove-se o encapsulamento dos elementos móveis (KRONENBURG, 1995). Cápsulas funcionais interdependentes e intercambiáveis são a proposta padrão. Desde os dispositivos de tele-presença, telemática e produção, até os mais recentes habitáculos móveis, concentram-se em módulos relacionáveis e independentes entre si. Mas que se reportam a uma centralidade. Por razões de infra-estrutura (energética, telecomunicação, manutenção); e questões administrativas (a atualização de identidades) (IBLA, p.9).

Já na vida do nômade urbano a captura opera-se por constrangimento direto, reduz-se áreas de acesso e campos de atuação (WAGNER). As propostas que vêm recondicionar a presença do nômade acabam por torná-los mídia de uma forma ou de outra (a exemplo de numerosos objetos-habitáculo propostos como forma de reposicionar o sem-teto como membro viável dentro da sociedade de mídias) (WODICZKO).

Em ambos os grupos sociais, o que torna possível seu reconhecimento através de uma grande gama localidades é justamente aquilo que os origina. Há um contexto sócio-espacial construído de forma homogênea e coerente por vastas extensões de território (SANTOS, 1998). Mesmo onde a homogeneidade não reina absoluta, seus critérios de atualização são na medida necessária para a manutenção da macro-estrutura social (SANTOS, 2000, p.19).

Chega-se, aí ao aspecto unificante destes dois campos de compreensão aqui apresentados : a urbanidade como meio de representação e a mobilidade espacial incrementada dos dois extremos do espectro social (em pragmáticas diamétrais). Há uma unidade construída, e é sobre ela e no seu interior que se fomenta a formatação da realidade como acessível à cognição do universal, e à permanência dos grupos sociais como cognicíveis, ou seja, acessíveis a esse cogito universal, ao aparelho de estado (DELEUZE e GUATTARI). Podemos compreender as formas de captura desta mobilidade via um aparato comum entendido como manifestações várias da Interface. Ou seja, a promoção de situações estanques e a viabilização da comunicação entre elas. Deslocamento ponto a ponto, comunicação ponto a ponto, a formação das redes de relações. A própria rede como forma-representação dessa aparelhagem de captura, tornando cognoscível as vastas extensões de fricção que ocorrem socialmente.

É sobre este contexto que entendemos que a atuação em design está se formatando no presente e nos próximos anos. Como parte integrante da parafernália de formação do aparato de midiatização do ambiente. Estariam a arquitetura e o urbanismo fadados a um encapsulamento geral, circunscrevendo-se à produção de objetos com graus de mobilidade definidos instrumentalmente? (KRONENBURG, 1995 e Chauí, 2000, p.282-284)

Seria a partir dessa decomposição em objetos múltiplos, independentes e interrelacionáveis, que podemos imaginar uma atuação viável do arquiteto sobre a mobilidade? A própria disciplina do projeto é eminentemente virtual e se atualiza via o sistema de signos corrente. Seria a partir desta centralidade captora que podemos imaginar uma situação verdadeiramente pós-industrial? (Castells, 2000, p.225-229). Agenciamentos múltiplos, intercambiáveis, regimes móveis de signos (DELEUZE/GUATTARI, 1997a, p.101).

Podemos assim concluir com a identificação da necessidade da proposição de signos-objetos; objetos comunicantes e signos atualizados. Estaríamos a beira de uma grande convergência entre mídia e espaço (NEGROPONTE). Aparelho de captura final, ou flerte com fluxos cada vez mais descontrolados? (DELEUZE/GUATTARI, V. 5, p.59 e p.114)

Várias inovações tecnológicas recentes acenam com essa possibilidade. No campo da representação eletrônica destacam-se dois pólos. O primeiro diz respeito à sobreposição de meios ao ambiente físico, o termo genérico, por falta de tradução mais adequada, seria a **(I)** “Realidade Aumentada” (Augmented reality) (SCIENTIFIC AMERICAN, Outubro 1987, p.83– WIRED, 5.10, Maio 1997). O segundo trata da reestruturação do espaço físico induzida pela promoção das técnicas de telemática, sintetizado sob o termo de **(II)** “cidade para a telepresença” (Castells, 2000b, p. 54). Ambos relacionados ao ambiente do turismo produtivo.

No campo do nomadismo urbano, a coisa é mais ocluída, mais escamoteada e movediça – dada a dificuldade de cognição –, e cremos que seria aqui que alguma inovação realmente efetiva possa vir a se realizar, pois promove, por alienação ao regime central, já um regime *móvel* de signos (TACHNER/RABINOVICH, p.18). Ou seja, denominamos **(III)** “signos sedentários em situação nômade”. E, por outro lado, a **(IV)** “multiplicação desenfreada de semióticas”, ou regimes de signos, promove por si mesma a aceleração (DELEUZE/GUATTARI, V. 5, p.47). No campo do turismo produtivo, a aceleração é refreada com a inclusão de ainda mais objetos – capsulares –, num decodificar (confirmar) constante. No nomadismo urbano ela escapa pela tangente e é apropriada das formas mais variadas (História da Vida Privada, V.4, pág.316).

O turista produtivo e o nômade urbano são nichos identitários e não conjuntos sociais concretos. Não denominamos grupos demográficos claros e estabelecidos como tal na literatura. O turismo produtivo também é vivido pelas classes sociais menos favorecidas pela economia informacional, dado que comunguem de sua sistemática de inclusão, que certamente não possui apenas uma porta de entrada. O turismo é sempre produtivo, pois é necessário participar de alguma forma do processo de produção capitalista para desfrutar dele. Assim como a operação do nomadismo urbano não é exclusividade do sem-teto marginalizado. É a história (ou não-história) do “Outro”. Daquilo que escapa, que torna-se atual sem decalcar na extensão necessária a inclusão como sistema de identidades. Deste modo, grandes contingentes acabam por praticar nomadismo.

Tanto a **(I)** *Realidade Aumentada* quanto a **(II)** *Cidade para a telepresença*, são mais adequadas para análise propositiva desenvolvida na proposição arquitetônica e urbanística em andamento. Dizem respeito à efemerização (Kuhns, p.234) dos processos de atualização e cognição.

A **(I)** *realidade aumentada* denomina a utilização de dispositivos eletrônicos capazes de imbuir o meio construído de recursos de interação. Constitui-se uma interface que se apoia sobre o ambiente físico como se lhe apresenta. Os usos mais correntes têm se dado na manufatura e manutenção de equipamento de alta tecnologia, como aviões, dentre outros. Para tal, afere-se a posição precisa do usuário, e relaciona-se isso à conformação do ambiente (inclusive o aparato sobre o qual se agirá), e projeta-se imagens sobre telas oculares transparentes contendo a informação desejada e que corresponde à geometria do ambiente.

Já se cogitou a utilização deste sistema para toda a sorte de mídia eletrônica ambiental. Dentro de alguns anos, toda a sinalização pública e peças publicitárias urbanas poderiam ser veiculadas via tal sistema. Eventualmente, cada usuário, de acordo com o grau de acesso aos serviços existentes (públicos e privados) poderia visualizar uma “realidade” diferente. Até mesmo um outro espaço físico, via sobreposição indistinta entre o eletrônico e o físico.

O crucial em tal abordagem é o entrelaçamento entre identidade social e posição espacial do indivíduo. Do cruzamento de ambas revelam-se parcelas sequenciais de informação. Um panóptico-tutor. A realidade aumentada suscita uma nova modalidade de Comunicação Visual. Os critérios de projeto gráfico para tal sistemática seriam fundamentalmente híbridos, bebendo nas várias disciplinas, como artes

gráficas, cinema, vídeo, fotografia, a chamada “mídia interativa”, design de jogos e interfaces homem/máquina. (TUFTE – FRIEDHOFF/BENZON)

(II) *A cidade para a telepresença* compreende uma série de abordagens para a construção de cidades decorrente do questionamento surgido pela utilização maciça de meios de telecomunicação. A partir da efetiva presença múltipla dos indivíduos-usuários. O que incorre em alteração fundamental do rol de necessidades para a eficácia produtiva. (IBLA)

A telepresença incrementada incorre em toda uma territorialização diferenciada (Castells, 2000, p.436). As organizações produtivas, públicas e privadas, passam a desenvolver suas atividades numa dinâmica espacial relacionada com demandas específicas cuja principal característica distintiva é que são desvinculadas do critério da proximidade como único ou principal indutor de interação pessoal. Promovendo-se uma reavaliação da distribuição física dos órgãos das instituições (Castells, 2000, p.428).

A previsão inicial (MCLUHAN – DAHINDEN) de que ocorreria uma dispersão completa, ou pulverização, das cidades provou ser falsa, ou talvez, ainda a se realizar. Na verdade, ocorre um certo grau de pulverização que de maneira mais efetiva, se faz a partir de relações sociais concretas a distâncias cada vez maiores. Surgem aglomerações especializadas midiaticamente. Pólos espaciais que figuram como nós de circulação inevitável ao turista produtivo passam a ser crescentemente raros (Castells, 2000, p.411-412). Abandona-se a noção setorial de urbanidade, na sobreposição de tipologias urbanas diferenciados em uma mesma região. Surge toda uma sistemática de avaliação de posições, configurações urbanas e dinâmicas de deslocamento na procura de máxima eficácia em empreendimentos imobiliários. (IBLA)

O trânsito constante, concreto ou virtual, dos “turistas produtivos” passa a ser corriqueiro. Estão, de fato, “telepresentes”. As “limitações”, da telepresença passam a constituir apenas mais uma camada mensurável e ponderável no protocolo de interação das empresas e instituições. (Wired, 3.03, março 1995)

A realidade aumentada e a cidade da telepresença figuram como parte do campo referencial da Interface. Em ambas, a constituição do ambiente urbano físico se vê completamente requalificada pela operação das interfaces midiáticas de telepresença e realidade aumentada. Induzem a todo um outro regime das identidades pessoais e ambientais. O que seria um edifício, uma sede de empresa, uma residência, um produto industrial, um sistema de sinalização? Demandas e caracteres universalizáveis se tornam flexíveis e difusos. (IBLA e Kengo Kuma)

Os (III) *signos sedentários em situação nômade* incorrem em uma operação contraditória e externa ao sedentarismo e à sistemática produtiva do espaço urbano. Mesmo estando incluso no seu domínio espacial, não comunga de sua forma de acesso e compreensão (DELEUZE/GUATTARI, 1997b). Se apropria dos signos da permanência, daquilo que se identifica como residência, casa, habitação (TACHNER/RABINOVICH, p.40-41). Ao mesmo tempo micro-ambiente móvel e sistema de permanência, a sobrevivência à margem pautada pela aglutinação de elementos referenciais da vida estatutária é prática de entrada ao espaço de trocas da economia. Mesmo com a exclusão intensa, grandes números populacionais mantêm-se presentes nos interstícios urbanos. Especialmente em contextos urbanos menos favorecidos.

O nômade urbano acaba por apoderar-se do espaço rejeitado convertendo-o em localidade (TACHNER/RABINOVICH). Aquilo que um sedentário não habitaria é convertido em local efetivo dada a relação direta destes indivíduos com o espaço. Toda a desterritorialização operada pelo espaço sedentário (dentre seus sintomas, a própria mobilidade do turista produtivo, que potencialmente seria comportamento de qualquer sedentário industrial) acaba reconvertida e atualizada nestes resquícios urbanos novamente em território, espaço pragmático efetivo. E mesmo que estes nômades reproduzam em miniatura toda uma

processologia sedentária, permanecem à margem da inclusão, a precariedade os envolve (WAGNER). E enquanto ela estiver presente, sua situação será nômade, seu regime de signos (sua presença no corpo social) será móvel e re-adequante (DELEUZE/GUATTARI).

Como modalidade ou ferramenta de proposição, já se utilizou deste conceito de forma muito inicial ou ensaística, e de certa maneira, pode-se considerá-las como formas de captura mais do que promoção (QUADERNS, WODICZKO e KRONENBURG, 1995). De maneira mais avançada, seria de interesse a miscigenação das atualizações de produção, o cruzamento entre formal e informal. É possível que aí surja um agenciamento efetivo de mobilidade. (VAN LIESHOUT)

Já a **(IV) multiplicação de semióticas**, indica a utilização de processos múltiplos e até mesmo contraditórios para a compreensão do ambiente. Ambiente como espaço edificado, como livro, como cartaz, como mobiliário, objeto, ferramenta; meio de comunicação, mídia impressa, mídia eletrônica, ambiente gráfico; ambiente dimensional, a-dimensional, multi-dimensional (DELEUZE/GUATTARI e LÉVY). Aqui, não cabe a onisciência da Interface. Ela está presente, mas não prepondera. Toda uma série de exigências funcionais se debatem. Como incorporá-las em um processo de substituição, intercalamento ou revezamento? (DELEUZE/GUATTARI, V.5) Tal sequenciamento dos grupos de demandas tornam por sua vez concreto um regime móvel. Projeto como questionamento, pesquisa. Proposição como questão. Abertura para uma possibilidade de complementaridade ou suplementaridade, ao invés de resolução sintética.

Essa multiplicação mobilizante se opera justamente à margem. O excluído, o “Outro”, necessita de sistemas não vigentes para a participação. Pratica-os, e do choque entre pragmáticas distintas surge sua mobilidade concreta, colada aos contextos específicos, potencialmente intraduzível a outros, eficaz localmente, circunstancialmente. Emerge forma não solucionável de proposição, o revezamento.

Conclusão

No contexto da atualidade, as comunidades não-locais e agrupamentos de interesse implicam novas noções de território (WIRED e LÉVY). Uma série de tecnologias da telepresença vêm apresentar a questão da desterritorialização de uma nova forma, mais acelerada, mais pungente, nos indicando uma leitura renovada da cidade. Na paisagem urbana passam a se imbricar espaço construído e Interface. Sendo que isso decorre da própria construção da cidade como elemento mundial homogêneo. E é a partir do interior dessa homogeneidade que se faz a compreensão de identidades consideravelmente estáveis mesmo em posições geográficas muito díspares.

Por outro lado, a aceleração expõe contingentes que desenvolvem comportamento inusitado e potente. Em uma apropriação contraditória do espaço urbano, travam sobrevivência que recusa a predominância da Interface, e sobrepõem a multiplicidade sobre o Uno estatutário.

Há um novo contexto de funcionamento dos signos urbanos e da mobilidade espacial das populações. Do variado espectro social disponível, destacam-se dois nichos, ou papéis. Já se comenta que o relacionamento entre os dois é mais do que coincidência, e a dinâmica espacial e cultural que operam indicam vias ao mesmo tempo complementares e contraditórias.

A questão talvez seja, então, não mais resolver as diferenças, mas sim beber em várias fontes, incluir as formas díspares. Enfim expandir aquilo que se considera proposição urbana e arquitetônica, tanto para a Interface quanto para a Mobilidade.

Bibliografia.

- Arantes, Otília B. F. "A ideologia do 'lugar público' na arquitetura contemporânea (um roteiro)." in *O lugar da arquitetura depois dos modernos*. Edusp, S. Paulo, 1995 (2º ed.)
- Aries, Philippe e Duby, Georges; organizadores. *História da Vida Privada, vol.4*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- Bonsiepe, Gui (1978). *Teoría e práctica del diseño industrial : elementos para una manualística crítica*. Gustavo Gili, Barcelona.
- Castells, Manuel. *The Informational city - Information technology, economic restructuring, and the urban-regional process*. Blackwell Publishers, Oxford, 1994.
- Castells, Manuel. (2000). *A Sociedade em rede*. Paz e Terra, São Paulo.
- Castells, Manuel. (2000b). *A questão urbana*. Paz e Terra, São Paulo.
- Chauí, Marilena. (2000). *Convite à filosofia*. Editora Ática, São Paulo. – sobre razão instrumental – p. 283.
- Dahinden, Justus. (1972). *Urban structures for the future*. Praeger Publishers, New York.
- Deleuze, Gilles e Guattari, Félix. *Mil platôs - Capitalismo e esquizofrenia, vol.2*. Editora 34, Rio de Janeiro, 1997a
- Deleuze, Gilles e Guattari, Félix. *Mil platôs - Capitalismo e esquizofrenia, vol.5*. Editora 34, Rio de Janeiro, 1997
- Friedhoff, Richard Mark & Benzon, William. (1989). *The second computer revolution: Visualization*. Harry N. Abrams, INC, New York.
- Guerrand, Roger Henri. "Espaços Privados" e Perrot, Michelle. "Maneiras de Morar" in *História da Vida Privada*, volume 4. São Paulo,
- Huth, Mary Jo & Wright, Talmadge (ed.) (1997). *International critical perspectives on homelessness*. Praeger Publishers, Westport, CT. Companhia das Letras, 1991.
- IBLA – Intelligent Buildings in Latin America – IB Consortium (1998). *Intelligent Buildings in Latin America: Phase One report. – A Multiclient study by DEGW, Ove Arup & Partners, NorthCroft In Association with the Council on Tall Buildings and Urban Habitat (Grupo Brasil) and Edison Musa Arquitetos Associados*. Intelligent Building Research, London.
- Kuhns, William. (1971). *The post-industrial prophets : Interpretations of technology*. Harper, New York.
- Kronenberg, Robert. (1995). *Houses in motion: the genesis, history and development of the portable building*. Academy Editions, London.
- Loschiavo dos Santos, Maria Cecília. (1997) "Bricolages urbanas em Los Angeles e São Paulo: A população de rua e as várias vidas dos produtos e materiais." in *Caramelo, No. 9*. FAUUSP, São Paulo.
- Lévy, Pierre. *O que é virtual?*. Editora 34, S. Paulo 1998 b.
- Lévy, Pierre. *Cibercultura*. Editora 34, S. Paulo 1999.
- Marins, Paulo César Garcez. e Alvim, Zuleika. *História da vida privada no Brasil*, volume 3. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- Negroponte, Nicholas. *A vida digital*. Editora Schwarcz, São Paulo, 1995
- Tachner, Suzana Pasternak & Rabinovich, Elaine Pedreira. (1998). *Cadernos de pesquisa do LAP, No. 26 ; jul-ago 1998 - Modos de morar na rua*. USP – FAU, São Paulo.
- Toffler, Alvin e Toffler, Heidi. *Criando uma nova civilização: a política da terceira onda*. Record, Rio de Janeiro, 1995.
- Santos, Milton. (2000). *Por uma outra globalização : do pensamento único à consciência universal*. Record, Rio de Janeiro.
- Sigaud, Lygia. (2000). "A forma acampamento: notas a partir da versão pernambucana." in *Novos estudos CEBRAP, No. 58*. CEBRAP, São Paulo.
- Venturi, Robert. (1966). *Complexidade e contradição em arquitetura*.
- Wagner, David. "Reinterpreting the 'Undeserving poor': From pathology to resistance." in Huth, Mary Jo & Wright, Talmadge (ed.) (1997). *International critical perspectives on homelessness*. Praeger Publishers, Westport, CT.

Contribuição propositiva.

- Kuma, Kengo. *Eco particule project- Okinawa, Japan*. In *Architecture and Urbanism (A+U)*, Japan, Maio 1997.
- Wodiczko, Krzysztof. *Poliscar and Homeless vehicle*. L'architecture d'aujourd'hui. França, fev. 1996.
- Atelier Van Lieshout. *AVL-Ville*. J. Allen, 'Up the organization', Artforum, April 2000, pp 104-111

Periódicos.

- Wired, Quaderns, Scientific American, Mobile Computing.